



II CONEDU
CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

O SILÊNCIO, O PODER E A RESISTÊNCIA: A REPRESENTAÇÃO DISCURSIVA DO SUJEITO LESBIANO NA ESCRITA DE LYGIA FAGUNDES TELLES.

Quezia Fideles Ferreira
queziafideles@hotmail.com
Universidade Federal da Paraíba

Resumo: A representação do sujeito homoafetivo sempre foi uma das temáticas presente no espaço literário que atrelado a distintos momentos históricos tem problematizado essa identidade marginal levando os leitores a refletirem sobre a diversidade de gênero constitutiva do social. Tendo em vista a importância de estudos que abordem as questões de gênero e , sobretudo que toquem as bordas das identidades silenciadas, o presente artigo tem como objetivo analisar a constituição discursiva do sujeito homoafetivo na escrita da autora Lygia Fagundes Telles. Para isso, teoricamente, nos respaldaremos nos estudos Silva (2005), Bullón (2008), Bruni (2006), entre outros, para compreender o processo de sujeição e de elaboração dessa identidade periférica.

Gênero, homoafetividade, silêncio e relações de poder.

1-INTRODUÇÃO

A questão da identidade do sujeito homossexual tem sido ao longo da história dos temas recorrentes da materialidade literária, que como espaço simbólico congrega e dissipa, simultaneamente, variadas vozes, caracterizando-se como lugar de memorização de distintos espaços de memória. Neste contexto Silva(2005), afirma que a formação identitária dos sujeitos que transcende o padrão de sexualidade heteronormativo é cerceada pelas relações de poder e as suas marcas vinculadas nos discursos de inclusão/exclusão.

Partindo desse pressuposto e ancorados nos fundamentos advindos da Análise do Discurso de linha francesa e nos estudos de Foucault, nossa pesquisa tem como objetivo analisar, tendo em vista as relações de poder que permeiam a instituição familiar materializada no conto “Uma branca sombra pálida”, de autoria de Lygia



II CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

Fagundes Telles, a instituição do silêncio e da resistência como mecanismos de objeção à normatização da sexualidade.

Neste enfoque, partimos da percepção do silêncio como um mecanismo de exclusão que resulta da negação da identidade sociosexual do sujeito lésbica e da ideia de resistência como contra poder, pois a sua condição de existência é a presença do poder no cerne das relações humanas.

O conto inscrito em 1995, presente na coletânea “A noite escura e mais eu”, constitui-se como um significativo objeto simbólico no qual é possível compreender que a construção identitária dos sujeitos, bem como as vontades de verdade alicerçadas em uma rede de formulação do já dito sobre a sexualidade, são transpassadas pelas relações de poder, de silêncio e de resistência presentes em todas as relações estabelecidas no corpo social. Como procedimento metodológico analisaremos recortes do conto de Lygia Fagundes Telles citado anteriormente.

2-METODOLOGIA

A pesquisa toma como *corpus* o conto, a saber, “*Uma branca sombra pálida*”, de autoria de Lygia Fagundes Telles que traz em sua materialidade discursos relacionados à construção da identidade do sujeito homoafetivo, tomando como referência a relação de força e hegemonia em vigor na sociedade.

Quanto à natureza dos dados e procedimentos de análise, o presente estudo está inserido no paradigma qualitativo da ciência, pois leva em consideração o sujeito, a complexidade, a instabilidade e a intersubjetividade que permeiam o fenômeno a ser investigado. Além disso, “explora as características dos indivíduos e cenários que não podem ser descritos numericamente” (MOREIRA E CALEFFE, 2008, p. 73).

De acordo com o objetivo proposto, essa pesquisa é do tipo descritivo-interpretativa, pois busca “descrever uma situação social circunscrita” (DESLAURIERS, 2008, p, 130), a saber: a prática social de leitura de textos nos quais



II CONEDU
CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

se materializam discursos que marcam a identidade do sujeito homoafetivo. Além disso, analisa essa prática, buscando explicar os seus significados à luz dos estudos discursivos.

Em relação à fonte a presente pesquisa segundo Gonçalves(2003), é classificada como documental, uma vez que toma como *corpus* o conto que traz em sua materialidade discursos relacionados à construção da identidade do sujeito homoafetivo e as relações de força por meio das quais esse sujeito se constitui no meio social.

3- RESULTADO E DISCUSSÕES

3.1-Mecanismo de sujeição: a exclusão

Como uma das temáticas presente na materialidade literária, a natureza das minorias sexuais conceituadas conforme Bullón (2008), como “a maioria silenciosa” vem sendo abordada nos discursos que compõem esse espaço .Esses discursos apresentam formas diversas de regulação, vigilância e controle da sexualidade dos sujeitos.

Ao compreender o sujeito como um objeto de poder, das ciências e das instituições, contrapondo-se a ideia na qual está pautada a Filosofia moderna, Michel Foucault ao analisar os mecanismos de sujeição considera a exclusão a forma de subordinação mais violenta, porque resulta no silêncio daqueles que estão sobre a condição de dominação.

Ao realizar um estudo sobre o legado de Foucault, Bruni (2006) afirma que como forma extrema de sujeição do outro, a exclusão é o fundo sob o qual se constroem os processos de estigmatização, discriminação, marginalização, patologização e confinamento que operam no nível social e nas instituições sociais, da família, do Estado, entre outros espaços de materialização do poder. Esses espaços de materialização do poder ao funcionarem como centro irradiador de uma pedagogia da sexualidade, produz o silêncio dos sujeitados, “silêncio que é o primeiro e o mais



II CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

intenso componente da situação de exclusão, a marca mais forte da impossibilidade de se considerar sujeito aquele a quem a fala de ante mão é desfigurada ou negada”.(BRUNI,2006.p.35)

Tendo em vista os jogos de poder que estabelecem à lógica de diferenciação e de discriminação demarcando as fronteiras relacionais e dinâmicas entre as identidades sociosexuais, Carmem Dora Guimarães afirma que a abordagem da sexualidade é sempre envolvida pelo *mito do silêncio*. No que diz respeito à categoria homossexual, agrega-se também o *mito da anormalidade* arraigada na “ideologia do desvio”, que reveste o comportamento dos sujeitos homossexuais. Nas palavras do autor:

(...) qualquer investida na área da sexualidade, principalmente em nossa sociedade, é envolvida no *mito do silêncio* que a reveste. E, com referência à categoria social homossexual o *mito da anormalidade* reforça este silêncio fazendo com que este pareça impenetrável. (GUIMARÃES,2004.p.34)

Foucault em a “*Ordem do Discurso*” afirma que a área da sexualidade é uma das esferas nas quais atuam mais acentuadamente a interdição, a vigilância e o desejo de controle sobre o sujeito.

As identidades gays silenciadas e excluídas do espaço público das relações sociais por transcenderem aos limites estabelecidos pela normatização, naturalizada devido à reprodução dessa vontade de verdade, tem ao longo da história, a sua identidade investigada , negada , questionada e policiada pelo olhar social.

A vontade de verdade enquanto um sistema de exclusão se reveste como uma verdade incontestável e absoluta graças a toda uma rede institucional e pedagógica que a reproduz discursivamente no social. De acordo com Foucault a vontade de verdade:

“(...) apóia-se sobre um suporte institucional: é ao mesmo tempo reforçada e reconduzida por todo um compacto conjunto de práticas como a pedagogia,é claro como dos sistema dos livros, de edição, das bibliotecas,como as sociedades de sábios de outrora, os laboratórios de hoje. Mas ela é também



II CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

reconduzida, mais profundamente sem dúvida, pelo modo como o saber é aplicado em uma sociedade, como é valorizado, distribuído e repartido e de certo modo atribuído”. (FOUCAULT, 2008.p.17)

No conto “*Uma branca sombra pálida*” a personagem principal Gina condicionada ao cerceamento de sua sexualidade, esconde o relacionamento amoroso que mantém com Oriana, silenciando a sua identidade sociossexual, como podemos perceber na leitura do trecho a seguir:

“Gina querida, como é que você tem coragem? De continuar negando o que todo mundo já sabe, quando vai parar com isso? Ela levantou a cabeça e ficou me olhando, Mas o que todo mundo já sabe, mamãe? Do que você está falando? Chequei perto dela e apoie-me na mesa para não cair. Mas ainda me pergunta?! Falo dessa relação nojenta de vocês duas e que não é novidade para mais ninguém, por que está se fazendo de tonta? Não vão mesmo parar com essa farsa? (...)”. (TELLES, 1995.p.145)

A identidade sociossexual de Gina é permeada pelo o *mito do silêncio* e pelo *mito da anomalia*. O *mito da anomalia* rememora um saber discursivo que reverbera uma vontade de verdade na qual o homossexualismo por destoar do padrão adâmico compreendido como a matriz de sexualidade normal, legitimado pelo discurso social e pela pedagogia da sexualidade, é visto como uma patologia do sujeito, como uma transgressão a sexualidade natural.

O sujeito mãe inscrita em uma formação discursiva atravessada por um discurso de conotações religiosas, embora não acreditasse em Deus se contrapõe ao relacionamento conceituando-o como uma “*relação nojenta*” ou como “*tipo de amor*” do qual já tinha lido, reprovado socialmente porque realiza-se entre pares iguais, entre duas mulheres .

É a partir da inscrição em uma formação discursiva que o sujeito significa o mundo a sua volta. É sobre essa zona limítrofe que o interpela ideologicamente que o sujeito constrói sentido. Segundo Orlandi (2007), a constituição do sujeito e do sentido dá-se na inscrição das diversas formações discursivas que compõem o social. Ainda de acordo com a autora, as formações discursivas como espaços historicamente marcados



II CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

pelas relações de força e de sentido “refletem as diferenças ideológicas, o modo como as posições dos sujeitos, seus lugares sociais são aí representados e constituem sentidos diferentes”. (ORLANDI, 2007.p.21)

A formação discursiva, informada pela memória que ali circula e reveste de significado os dizeres alicerça as vontades de verdade sustentadas nos discursos em circulação na urdidura social. É partindo da compreensão do conceito de formação discursiva “como aquilo que numa formação ideológica dada - ou seja, a partir de uma posição dada em uma conjuntura sócio-histórica dada - determina o que pode e deve ser escrito” (ORLANDI,2012.p.43), que podemos entender a constituição identitária dos sujeitos. Neste horizonte:

“A formação discursiva é o lugar específico da constituição dos sujeitos e dos sentidos, já que ela é manifestação, no discurso, da materialidade ideológica. As diferentes visões materializam-se nas diferentes formações discursivas (...)”(LUCENA,2012.p.18)

A memória discursiva é o saber discursivo que está imersos nos discursos em circulação no meio social, e que sustenta todas as posições sócio-histórica e ideológica dos sujeitos inserido na prática dinâmica da linguagem, fornecendo a realidade dos sentidos para os sujeitos. A memória:

“(…) é o saber discursivo que torna possível todo o dizer e que retorna sob a forma do pré-construído,o já-dito que está na base do dizível,sustentando cada tomada de palavra.O interdiscurso disponibilizadizeres que afetam o modo como os sujeito significam uma situação discursiva dada”. (ORLANDI, 2010.p.31)

De acordo com os estudos de Indursky (2011), a memória discursiva diz respeito aos sentidos autorizados e silenciados pela Forma-sujeito no âmbito de uma formação discursiva. É composta por um conjunto de ecos de natureza coletiva e social, que nela ressoam, autorizando e interditando dizeres. Como tal, é o lugar que conserva e reproduz artefatos materiais e simbólicos de geração em geração. (FERREIRA, 2011)

Na materialidade discursiva o sujeito mãe como sujeito discursivo sócio, histórico e ideologicamente marcado em meio a urdidura social significa o “*tipo de*



II CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

amor” que o sujeito filha mantinha informada por uma memória discursiva, e por um saber/poder/deve reproduz um discurso de marginalização do sujeito lesbiano.

Veyne (2011), em seus estudos sobre o pensamento foucaultiano afirma que as “verdades” produzidas em cada época são articuladas e sustentadas por uma gama de dispositivos legais e mentais :

“(…) a cada época, os contemporâneos estão, portanto, tão encerrados em discursos como em aquários falsamente transparentes, e ignoram que aquário são estes e até mesmo o fato de que haja um. As falsas generalidades e os discursos variam ao longo do tempo; mas a cada época eles passam por verdadeiros”. (VEYNE, 2011, p.25)

O sujeito mãe, instigado por um discurso de “verdade” produzido em sua época que reveste a sexualidade de tabus e de normas atribuindo um estereótipo negativo, estigmatiza a identidade lesbiana, excluindo-a , silenciado-a.

A identidade homossexual além de está associada às questões médicas e espirituais foi durante um longo período também associada ao excesso de liberdade. A imoderação tinha como consequência a prática da libertinagem por meio do exercício do prazer com sujeitos do mesmo sexo, pervertendo e dessacralizando a prática do amor natural(BULLÓN,2008). No objeto simbólico a condição identitária do sujeito lesbiano é perpassada pela associação liberdade, libertinagem, dessacralização e perversão, que reforça o *mito do silêncio e o da anormalidade*, como podemos observar no trecho a seguir quando o sujeito mãe rememora o discurso do sujeito pai sobre a necessidade de respeitar as escolhas do sujeito filha:

“Fiz a sua vontade meu querido. Dei-lhe toda a liberdade e se você ainda vivesse poderia ver agora no que deu essa liberdade”.(TELLES,1995.p.173)

De acordo com o sujeito mãe, o direito de escolha do sujeito filha teve como consequência a opção por uma sexualidade desviante, transgressora e agressora da sexualidade heteronormativa. Neste contexto, a escolha da identidade homossexual é



fruto da amizade estabelecida com Oriana , “*a desordeira*”, “*a suja*”, “*a viciada*” e não uma característica da natureza sexual do sujeito lésbico.

Os discursos que versam sobre a identidade homossexual dos sujeitos são perpassados pelas relações de poder. A família enquanto uma instituição discursiva é preenchida em toda a sua extensão por essas relações e também pelo contra poder, a resistência.

3.2-Os mecanismos de poder versus o contra poder

A existência do poder pressupõe a presença de um contra poder, da resistência, estamos também submetidos a ela. A resistência como um elemento das relações nas quais o poder é constituído, se apoiando na situação a qual combate:

“(…) são o outro termo nas relações de poder; inscrevem-se em nossas relações como o interlocutor irreduzível (...). Da mesma forma que a rede de relações de poder acaba formando um tecido espesso que atravessa os aparelhos e as instituições, sem se localizar exatamente neles, também a pulverização dos pontos de resistência atravessa as estratificações sociais e as unidades de resistência(…)”.(FOUCAULT,2013,p,104)

O fenômeno da resistência ocorre onde se instala o poder condição de sua existência, isso porque a resistência:

“(…) é inseparável das relações de poder; acontece que ela estabelece as relações de poder exatamente quando ela é, por vezes, o seu resultado; na medida que as relações de poder se encontram em toda a parte, a resistência é a possibilidade de abrir espaços de lutas e de admitir possibilidades de transformação por toda parte” .(REVEL, 2011. p. 128)

No campo estratégico das correlações de forças a resistência, em suas diversas modalidades, assim como o poder é móvel, produtiva, podendo estabelecer novas relações de poder,da mesma forma que o poder pode suscitar novas formas de resistência. Nesta perspectiva o discurso é simultaneamente instrumento e efeito de poder, obstáculo, ponto de existência e de partida do poder e similarmente da resistência.



II CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

Na materialidade discursiva de autoria de Lygia Fagundes Telles a personagem Gina vivencia, ao ter a sua sexualidade rechaçada no ambiente familiar o conflito: assumir a sua identidade lésbica ou negá-la, aprisionando-se ao padrão heteronormativo de sexualidade, como podemos verificar no trecho a seguir no qual é narrado o momento em que se deu o embate mãe e filha:

“Cruzei os braços com força porque eram os meus dentes que agora batiam. Levantei a voz mas, falei devagar. A escolha é sua, Gina. Ou ela ou eu, você vai saber escolher, não vai? Ou fica com ela ou fica comigo, repeti e fui saindo sem pressa”. (TELLES, 1995.p174)

A instituição familiar estereotipa negativamente a homossexualidade porque é informada por um saber discursivo que entende a natureza dessa sexualidade como algo que desobedece o modelo normatizado, pois é justamente nesse espaço de circulação de poder que os sujeitos lésbico por desidentificarem como o modelo de sexualidade assumido pelos seus pais, em sua maioria, são vítimas das primeiras práticas de preconceito. Na materialidade discursiva, o sujeito mãe estigmatiza, marginaliza e cerceia a identidade sociossexual. Neste panorama, o sujeito com uma sexualidade periférica, conceito atribuído por Foucault em “*História da sexualidade I: a vontade de saber*”, tem, constantemente, a sua sexualidade vigiada e controlada.

Souza (2006), em seus estudos sobre a natureza da sociedade moderna, enfatiza que a sua principal e mais marcante característica é o exercício da vigilância sobre os sujeitos. A instituição familiar, como espaço de circulação de poder, exerce a vigilância sobre os corpos, afim de que estes, em suas práticas, não burlem a norma e o sexo natural, legitimado pelas vontades de verdade em circulação nas práticas sociais.

Assim como poder a instituição familiar comporta em seu cerne um contra poder, a resistência (PERES,2011). Este contra poder materializa-se no discurso literário, em análise, na reação do sujeito filha a imposição à normatização. A morte do sujeito lésbico representa a presença do mecanismo de resistência a imposição de uma vontade de verdade sustentada por um discurso inscrito em uma formação discursiva



II CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

homofóbica na qual está inscrita o sujeito mãe, como podemos observar no sequência narrativa a seguir: “*Que foi a que ela escolheu, cortar com aquela tesourinha, tique! O fio de vida no mesmo estilo oblíquo com que cortara os caules*”.(TELLES,1995.p176)

O suicídio do sujeito lésbico, considerada pelo sujeito mãe como uma agressão, representa a resistência a disciplinarização do corpo e de sua sexualidade, suscita outros discursos que alicerçam distintas vontades de verdade. A morte é uma forma de lutar contra a tentativa de qualquer espécie de acomodação da identidade homossexual ao modelo estável de sexualidade que circula em torno do corpo do casal heterossexual .

4-CONCLUSÕES

A construção da identidade homossexual do sujeito lésbico é envolvida, como podemos deprender da leitura dos trechos analisados, pelo *mito do silêncio* e, o da *anormalidade* que resulta na ideia de uma sexualidade desviante, transgressora do padrão heteronormativo.

Cerceado pelas relações de poder diluídas nas relações familiares o silêncio, o mais opressor mecanismo de exclusão, percebido como a negação ao direito do sujeito lésbico a visibilidade de sua identidade, e até mesmo a possibilidade de existência dessas sexualidades, é reforçado ao longo do tempo pelas vontades de verdade vinculadas em discursos de distintas áreas de saber que rememoram o *mito da anormalidade*.

A resistência caracterizada no objeto simbólico pela morte do sujeito lésbico, representa a impossibilidade de adequação ao padrão de sexualidade referenciado no corpo do casal heterossexual. Enquanto contra poder a resistência, como afirmamos anteriormente, reverbera outras vontades de verdade e outras relações de poder. Na materialidade simbólica, o sujeito lésbico ao ter a sua identidade marginalizada , vigiada e controlada pelo sujeito mãe, ao cometer suicídio rememora uma vontade de verdade segundo a qual os sujeitos são distintos, e essa distinção estende-se também ao corpo



II CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

sexual, não havendo, portanto, a possibilidade de adequação de todos os sujeitos a um único modelo de sexualidade.

5-REFERÊNCIAS

BRUNI, J. C. Foucault: o silêncio dos sujeitos. In: SCAVONEL ; ALVAREZ, M. C & MISKOLCI, R (org). *O legado de Foucault*. São Paulo: Editora da UNESP, 2006. p. 33 a 44.

BULLÓN, A. *Sinais de Esperança: uma de leitura surpreendente dos acontecimentos atuais*. São Paulo: Casa publicadora do Brasil, 2008.

DESLAURIERS, J; KÉRISIT, M. O delineamento de pesquisa qualitativa. In: POUPART et al. *A pesquisa qualitativa*. Rio de Janeiro: Vozes, 2008, p.127-151

FERREIRA, M.C.L. O lugar do social e da cultura numa dimensão discursiva. In: INDURSKY, F, MITTMANN, S & FERREIRA, M. L. F (orgs). *Memória e história na /da Análise do discurso no Brasil*. Campinas-SP: Mercado das Letras, 2011. p. 149-268.

FOUCAULT, M. *A ordem do Discurso*. 17ª ed. São Paulo: Edições Loyola, 2008.

_____. *História da sexualidade I: a vontade de saber*. Tradução de Maria Thereza Albuquerque e J. A. Guilhon Albuquerque. 23ª ed. São Paulo: Paz & Terra, 2013.

GUIMARÃES, C.D. *O homossexual visto por entendidos*. Rio de Janeiro: Editora Garamond, 2004.

GONÇALVES, E. P. *Iniciação á pesquisa científica*. Campinas, SP: Editora alínea, 2003

INDURSK, F. A memória na cena do discurso. In: INDURSKY, F, MITTMANN, S & FERREIRA, M. L. F (orgs). *Memória e história na /da Análise do discurso no Brasil*. Campinas-SP: Mercado das Letras, 2011. p. 67-89.



II CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

LUCENA, I. T. Entre o discurso, a história e a cultura: a irrupção de um outro nordeste. In: LINS, J. N. (Org). *Nos domínios da linguagem: entrediscursos, literatura e linguística*. João Pessoa: Editora universitária da UFPB, 2012.

MOREIRA, H; CALEFFE, L.G. Metodologia da pesquisa para o professor pesquisador. 2 ed. Rio de Janeiro: Lamparina, 2008.

ORLANDI, Eni P. *As Formas de silêncio: no movimento dos sentidos*. 6ª ed. Campinas: Pontes Editora, 2007.

_____, Eni P. O. Análise do discurso. In: ORLANDI, E. P. & RODRIGUES, S. R. (org.) *Discurso e Textualidade*. São Paulo: Pontes editora, 2010. p. 11-31.

_____, Eni P. O. *Análise do discurso: princípios e procedimentos*. 10. ed. Campinas: Pontes Editora, 2012.

PERES, S.W. Travestis: corpos nômades, sexualidades múltiplas e direitos políticos IN: SOUZA, L. A. F; SABATINE, T.T & MAGALHÃES .B.R. *Michel Foucault sexualidade, corpo e direito*. (orgs). São Paulo: Cultura Acadêmica, 2011.

REVEL, J. *Dicionário de Foucault*. Trad. Anderson Alexandre da Silva. Rio de Janeiro: Forense Editora, 2011.

SILVA, Tomaz Tadeu. A produção social da identidade e da diferença. IN: SILVA, T. T. I. (org). *Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais*. 4ª ed. Petrópolis: Editora Vozes, 2005.

SOUZA, A. F. L. Paradoxos da modernidade vigiada: Michel Foucault e as reflexões sobre a sociedade de controle. In: SCAVONEL; ALVAREZ, M.C & MISKOLCI, R. (orgs). *O legado de Foucault*. São Paulo: Editora da UNESP, 2006. p. 241 a 263.

TELLES, L. F. Uma branca sombra pálida. In: TELLES, L. F. *A noite escura e mais eu*. Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira, 1995. p. 159-183.



II CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

VEYNE, P. *Foucault, seu pensamento, sua pessoa*. Tradutor: Marcelo Jacques de Moraes. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2011.